Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 28
17 de outubro de 2009

[**versão provisória**]
Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

[COF20091017]

Boa tarde a todos, sejam bem-vindos. Eu queria fazer um teste para ver se todos estão ouvindo. Por favor, respondam pelo *chat*.

Então, muito bem. Vamos começar. O que eu gostaria de explorar hoje com vocês é o tema dos obstáculos ao aprendizado e ao desenvolvimento intelectual de cada um. Esses obstáculos, especialmente no caso brasileiro, quase nunca são de ordem intelectual, quer dizer, nunca há um problema de incapacidade real, de inépcia. Eu tenho a impressão de que a inépcia foi toda monopolizada pela classe dos professores universitários, políticos e jornalistas. Não sobrou para mais ninguém. O restante da população, então, pode se considerar imunizado contra a inépcia profunda e irremediável. Nunca se preocupem com isso. Não é esse o problema. Na sociedade brasileira, ou melhor, na cultura brasileira, porém, há uma série de hábitos externos e internos – hábitos verbais, hábitos de pensamento e até hábitos de conduta – que podem se tornar um obstáculo temível e quase invencível.

Uma boa parte do trabalho que vocês terão ao longo dos próximos anos, à medida em que forem se esforçando para se tornar mais capacitados, mais atentos, mais eficientes na vida intelectual, consistirá no exame da sua própria conduta, da sua própria alma, quase do seu próprio subconsciente para ver em que medida esses hábitos negativos estão grudados e imbricados no seu tecido interior como uma espécie de gosma que gruda em tudo quanto é lado e imobiliza a mente para as operações superiores do espírito. Ao mesmo tempo, a observação desse fenômeno é um estudo sociológico. O benefício desse exame é duplo: por um lado, você estará conhecendo a si mesmo e se livrando de obstáculos interiores; por outro lado, vai conhecer muito bem a sociedade na qual você se encontra. Não conheço nada mais útil para o estudo sociológico do que a observação desses hábitos, tendências, associações de idéias e preconceitos que estão grudados ali no fundo da sua alma e você vê como a conduta das outras pessoas revela que elas têm o mesmo problema. Depois de você observar isso uma, duas, três, cem vezes, e reparar que sinais do mesmo fenômeno aparecem documentados na literatura e no próprio jornalismo, nas comunicações de massa etc, você vai conhecer a sociedade em que você está, na medida em que você toma a si mesmo como amostra ou cobaia do seu experimento. Na hora em que a auto-observação, o auto-conhecimento coincide com dados objetivos captados na sociedade em torno, aí você pode ter a certeza de que alguma coisa você está conhecendo

efetivamente. Você estará pisando em um terreno firme. Então, trata-se, ao mesmo tempo, de um estudo sociológico e de uma atividade pedagógica; de uma atividade de aprendizado e do que se chamaria hoje de autoajuda, mas não é bem autoajuda, é uma espécie de autotreinamento, de autoeducação. É claro que eu não vou poder fazer numa aula um resumo desses vários hábitos. Eu posso assinalar um ou dois como exemplo, mas, por si mesmos, vocês observarão muitos outros e, aos poucos, tomarão consciência do quanto isso pode ser impeditivo ao desenvolvimento da inteligência.

Porém, para chegar a esse assunto, ou seja, a essa análise desse composto brasileiro que pesa sobre as inteligências e as torna, por assim dizer, pesadas e grudentas, eu vou me reportar a um pólo de comparação situado dez séculos atrás.

É sabido que entre os séculos XII e XIII a Europa passou por um florescimento intelectual fora do comum. Foi a época de Hugo de São Vítor, São Tomás de Aquino, João Duns Scot..,um florescimento filosófico fora do comum, além de ser a época em que se construíram as grandes catedrais, que se são, sem dúvida, a mais elevada obra de arte que o ser humano já conseguiu criar, sintetizando, de uma certa maneira, todas as artes numa obra única. Nem antes e nem depois se encontra absolutamente nada parecido. A construção das catedrais implica, inclusive, alguns mistérios históricos jamais resolvidos com relação à técnica da construção. Sob certos aspectos, reparamos que sem equipamentos modernos, sem guindastes, sem equipamentos mecânicos de alta qualidade como vieram a ser desenvolvidos só a partir do século XX, muito do que eles fizeram na época parece impossível, e no entanto, foi feito. Essas catedrais são um monumento à capacidade humana, além de ser um monumento voltado a Deus e à eternidade. São um monumento a seus próprios construtores, uma prova de uma capacidade supranormal. Ao mesmo tempo, existem vários depoimentos de que esse florescimento que aconteceu entre o séculos XII e XIII é devido à longa preparação educacional das classes letradas da Europa a partir do século IX. Contudo, se procurarmos documentos que atestem a alta cultura dos séculos IX, X e XI, praticamente nós não encontraremos nada. Esse período foi geralmente considerado pela maioria dos historiadores um período estéril, que não tem nada de muito notável e que se caracteriza geralmente pelo contraste com a criatividade e a grandeza do período seguinte.

Porém, como é possível que essa grandeza, esse florescimento de alta cultura fosse preparado justamente num período de pobreza, num período desértico da cultura, em que nada se produziu? Por isso, durante muito tempo, essa chamada “renascença do século XII” foi vista pelos historiadores como um fenômeno mais ou menos espontâneo e inexplicável. Quer dizer, aqueles camaradas que eram uns bárbaros selvagens que não sabiam nada e nada criavam, de repente, tiveram uma explosão de gênio e criaram as catedrais, a filosofia de Santo Tomás de Aquino etc. Só muito recentemente — de uns vinte anos para cá — é que os historiadores começaram a investigar seriamente o que se passou nos séculos IX, X e XI. E o que eles descobriram foi uma coisa absolutamente formidável. Hoje existem muitas obras sobre isso, mas o que interessa para nós não é a pesquisa histórica; eu estou dando isto só como

exemplo para o que vou dizer depois. O nosso foco aqui não é a história dos séculos IX, X e XI, é a história de vocês mesmos. Eu estou falando desse período só como pólo de comparação. Assim, alguns historiadores, nas últimas décadas, perceberam que havia ali um problema e concluíram: “nada pode surgir do nada e se os próprios personagens envolvidos no **[10:00]** grande ‘renascimento’ cultural e artístico dos séculos XII e XIII atribuem os seus méritos ao ensino que receberam de seus antecessores, e se esses antecessores por sua vez não produziram nada que atestasse alguma grandeza especial, temos um enigma. Alguma coisa deve ter acontecido”. Desse modo, os historiadores começaram a vasculhar para ver o que era esse ensino dos séculos IX, X e XI. E o que eles descobriram foi um negócio absolutamente fantástico. Eles notaram que esse período que vai do século IX até o século XII é marcado por uma série de transições, entre as quais, a da passagem do predomínio da cultura oral para a cultura escrita — bom, deixa eu explicar uma coisa antes: o que eles descobriram foi que nessa época, o ensino não tinha nenhum interesse em produzir obras, mas em produzir pessoas.
Vejam a profunda consciência pedagógica que esses camaradas tinham: o objetivo do ensino era produzir um determinado tipo de pessoa que fosse marcado por certas virtudes — não no sentido atual da palavra virtude, que atualmente significa ser bonzinho — mas virtude no sentido antigo que significa efetivamente ter um poder a mais. A palavra virtude vem da mesma raiz da palavra *vir*, *varão*. Essa educação era centrada no indivíduo, na formação da sua personalidade como um todo. E é por isso mesmo que dos poucos documentos que sobraram sobre a educação nessa época, a maior parte expressa a admiração que essas pessoas tinham umas pelas outras. Por exemplo, que os alunos tinham por um professor, no qual enxergavam quase uma prova viva da presença de Deus. E também um infinito respeito e veneração que o professor tinha por seus alunos. Você não encontra algo parecido em nenhuma outra época da história. E quando você lê essas coisas, fica realmente impressionado: “como eles conseguiram criar, pela educação, essas pessoas tão notáveis ?”

Em primeiro lugar, eles acreditavam que a virtude era ensinável. E que esse ensino depende da presença de um modelo vivo que atua sobre alvos vivos. Então, é claro que a essência da educação se dá no encontro pessoal entre o professor e o aluno e não na transmissão de textos. Vejam que coisa incrível, porque vulgarmente se imagina que todo o ensino medieval era apenas uma atividade voltada para textos, decorar textos e produzir novos textos. De repente, nós descobrimos que é exatamente o contrário. Mais tarde, de fato, se tornou assim. Depois do século XIII, a escolástica só lida com textos. A partir do século XIV até o século XVIII você ainda vê professores escolásticos trabalhando na base do culto de certos textos. Porém, no início foi exatamente o contrário. O texto nem é um instrumento predominante, nem é um objetivo do ensino, mas ao contrário, o ensino está voltado para a pessoa. Esse ensino voltado para a pessoa visava a criar tipos humanos admiráveis que pudessem, por sua vez, servir de modelo para o restante da sociedade. Portanto, quando nós vemos esses grandes personagens que surgem depois como São Tomás de Aquino, Duns Scot, Hugo de São Vítor, São Boaventura, eles não surgiram do nada. Eles receberam essa educação.

Essa educação começava por constatar que o alvo inicial da educação não era a inteligência do aluno e nem mesmo a sua alma, mas o seu corpo, porque eles entendiam o corpo humano como um sinal vivo da presença de Deus. Todos os corpos humanos. E diziam até mesmo “que os anjos invejavam no ser humano a posse de um corpo”, porque eles não têm. Os anjos vivem num estado de beatitude, de felicidade, mas eles não têm corpo. E, portanto, eles não correm os riscos inerentes à vida corporal. Você não pode assassinar um anjo, não pode bater num anjo, não pode prender um anjo. Mas o ser humano pode sofrer tudo isso. Assim, o ser humano pode ter uma virtude que nem os anjos podem ter, que é a virtude do heroísmo, a virtude da coragem. Olha que coisa importantíssima: só os seres humanos podem ter coragem; os anjos não podem. E os anjos, de certo modo, guardadas as devidas proporções, invejam essa capacidade do ser humano. Não é inveja no sentido maligno, eles não querem ferrar com a gente por causa disso, mas gostariam de ter isso. Eles vivem, por assim dizer, num estado de felicidade trivial, onde nada de mal pode lhes acontecer. Ao passo que o ser humano não. O ser humano incorpora essa virtude que é eminentemente divina, a coragem, virtude exemplificada pelo próprio Nosso Senhor Jesus Cristo na crucificação. Não só a coragem, mas a coragem, a paciência, a resignação etc. O corpo humano, nessa perspectiva, se torna precioso porque ele é um testemunho. Então, a educação tem de começar pela tomada de posse desse corpo, de modo que tudo nele – os seus gestos, a maneira de falar, as posturas, etc. – reflita a presença do espírito. Isso quer dizer que o corpo não é jamais deixado por conta do mero automatismo vulgar. Os impulsos do próprio corpo têm de ser submetidos e transfigurados pela intencionalidade, ou seja, cada gesto tem de expressar uma intenção. Essa intenção tem de ser consciente, além de expre*ss*ar um valor. Ora, nós sabemos que na cultura brasileira a coisa mais, mais, mais, mais, mais menosprezada é justamente essa cultura do corpo.

No Brasil, você só encontra dois tipos de atitudes: popularmente, você encontra o desleixo total, quando os gestos são desordenados, expressam apenas o estado interno do corpo, ou seja, o que o corpo está impelindo você a fazer ou, por outro lado, você encontra uma certa rigidez hierática, onde você entra em certos ambientes elegantes e fica durinho para não pagar mico, como se diz. Ora, essas duas atitudes são igualmente expressões da falta de cultura, porque, o que realmente interessa, não é nem você deixar o corpo fazer o que ele quiser, nem vestir-lhe uma camisa-de-força. O que interessa é transformá-lo num instrumento expressivo tão afinado – e eles usavam a palavra afinado – como um instrumento de música. Ou seja, o seu corpo deve transmitir o que você quer transmitir. E o que você quer transmitir deve ser importante, valioso e digno.

Nessa época, nos séculos IX, X, XI até o século XIV, mais ou menos, havia dois tipos de escolas além das universidades — as universidades apareceram um pouco depois — as chamadas escolas monacais, que eram nos monastérios e as escolas catedrais, que eram junto às catedrais. **[20:00]** Eram como se fossem escolas que hoje chamaríamos secundárias. Não chegavam a ser universidades, mas quando nós vemos o que os camaradas estudavam lá, está infinitamente acima do que hoje se poderia encontrar numa universidade. Começava desse adestramento do corpo, dessa afinação do corpo, até o

perfeito domínio da língua latina e a compreensão profunda do sentido espiritual das Escrituras. Pegavam um sujeito analfabeto e levavam até esse ponto, mas começando sempre, pelo adestramento do corpo. Quando comparamos isso às normas de polidez que o mundo burguês veio a criar, nós percorremos toda a distância que existe entre a verdadeira natureza das coisas e um artificialismo absolutamente sufocante. Isso porque, embora esse ensino do século IX implicasse uma infinidade de normas quanto à sua conduta, essas normas eram calculadas para atuar não como uma camisa-de-força, não como uma imposição externa, mas como uma afinação que ia tornar o seu corpo um instrumento perfeitamente expressivo. Uma vez eu li, não lembro onde, que se pudéssemos ver o corpo de Deus, cada pedaço do Seu corpo, mesmo os dedos dos pés seriam tão expressivos quanto um rosto. Note bem, nós sabemos perfeitamente que nenhuma parte do corpo humano pode ser tão expressiva quanto o rosto. Você não pode saber qual é a emoção, a intenção de uma pessoa se você não olha o rosto e não vê os olhos. Contudo, como se diz, em Deus, tudo são olhos. Tudo é expressivo. Ora, embora nós não possamos chegar a esse ponto, podemos elevar o corpo humano até um nível de expressividade que o torne digno de você se lembrar que aquilo é a presença de Deus. Era esse o objetivo daquele ensino, o de produzir tais pessoas absolutamente notáveis durante três séculos. E tudo o que se vê nos séculos XII e XIII em matéria de literatura, filosofia, arte, não é senão uma documentação atrasada de toda uma cultura que já estava se desfazendo, já estava em extinção. Então, é como se esses grandes artistas e filósofos dos séculos XII e XIII tivessem gravado em pedra e no papel os documentos das grandes virtudes humanas que já estavam desaparecendo. Ou seja, o apogeu da cultura medieval não se dá nos séculos XII e XIII. Os séculos XII e XIII são uma documentação de um apogeu que já passou. Ora, como eles estavam interessados em formar pessoas e não obras, é evidente que poucos documentos restam, mas os poucos que sobraram são suficientes para nós entendermos o que se passou. E somente esse conceito de adestrar o corpo do aluno para que ele se torne perfeitamente expressivo, e expressivo não de qualquer coisa, não de qualquer estado emocional que possa tomar conta dele, mas expressivo da sua mais elevada consciência. Só isso já nos mostra o que é a essência da verdadeira educação. A educação é isso. É formar pessoas não somente para adestrá-las nessa ou naquela habilidade em particular, mas para que se realizem nelas aquilo que verdadeiramente define o ser humano. E o que define o ser humano, é, na verdade, uma coisa muito simples: o ser humano é o único bicho capaz de pensar a infinitude. É o único bicho capaz de ter preocupações de ordem metafísica. E é o único bicho cuja inteligência transcende infinitamente — infinitamente! — o seu campo de experiência sensível. Isto que eu estou dizendo é, por sua vez, um dado de experiência. Nós sabemos que desde que o mundo é mundo, o ser humano pensa sobre coisas que vão muito além do seu círculo de experiência, e com muita frequência ele acerta. E essa é uma capacidade que nenhum bicho tem. Esse é justamente o seu diferencial. Quando Aristóteles diz que o ser humano é o *zoon logistikon* [25:53], quer dizer, é o animal que pensa e fala, não se esqueçam de que essa palavra, o *logos*, não significa apenas o raciocínio humano, mas a própria ordem divina que estrutura o cosmos. Por mais que você recue na história da humanidade, você vê que alguma intuição de uma ordem transcendente as pessoas tinham. E se não tivessem isso, não poderiam

sequer perceber a unidade do próprio mundo da experiência. Note bem que também nenhum animal tem isso. Eu mencionei aulas atrás o biólogo von Uexküll [26:40] que criou o conceito do *umwelt*, o mundo circundante: cada animal só percebe um pedaço do mundo externo, um aspecto do mundo externo, e o que está para além daquilo não existe para ele de maneira alguma. Por exemplo, um urso polar não se preocupa em como vivem as girafas na África, nem vice-versa. Para o urso polar, não existem girafas, e não existirão jamais. E para a girafa também não há ursos polares. E, se você colocar um perto do outro no zoológico, eles se interpretarão mutuamente como elementos daquele seu velho *umwelt*, que é o único que eles conhecem. Por isso mesmo, também, há uma observação muito interessante do Ortega y Gasset: ele disse que a maior parte dos animais está adaptada a um tipo de ambiente e se você os tira desse ambiente, eles sofrem ou morrem; o ser humano, porém, pode viver em todos os climas e em todos os ambientes porque ele não está bem adaptado a nenhum. Aqui nos Estados Unidos observamos isso: você tem aqui as quatro estações do ano perfeitamente caracterizadas e, em cada uma, você tem uma espécie de incomodidade. Isso significa que o ser humano não está vinculado a nenhuma circunstância em particular. Não é inconcebível que ele possa viver na Lua ou em outro planeta. Tem gente planejando isto. Desde que o mundo é mundo, você observa sinais de que o ser humano capta algo que vai além da sua experiência sensível, algo de uma ordem subjacente ou transcendente, e é o fato de ele captar essa ordem que lhe permite encarar dentro dela o universo da experiência como unidade. Fora disso ele não poderia. Isso quer dizer que quando você perde também o sentido da ordem transcendente, você perde a visão da unidade do próprio real, e você cai numa espécie de *umwelt*. Digamos, o que são esses cientistas materialistas que hoje dão tanto palpite – o Richard Dawkins e outros? Eles são uma espécie animal que se recolheu a um *umwelt* específico. Encarado de um ponto de vista evolucionário, isso seria uma involução terrível, porque, depois que o ser humano provou a sua capacidade de transcender todos os aspectos específicos da experiência e elevar-se até o pensamento de uma ordem que transcende a experiência, vem alguém e nos fecha, não só dentro do campo da experiência, mas de um campo específico dela, que é o que eles chamam de “experiência sensível”, a qual já comentei em uma outra aula e talvez volte a comentar depois. **[29:57]**

Portanto, é possível entender por que a simples existência dessa classe de pessoas representa uma grave crise da consciência humana, um aspecto regressivo, uma espécie de nostalgia de um passado animal que jamais existiu. Não se concebe como um animal preso ao seu *umwelt*, à sua circunstância imediata, poderia “evoluir” e tornar-se capaz de conceber algo como ordem cósmica ou ordem divina. É claro que essa capacidade, se foi infundida no ser humano, ela o foi toda de uma vez. Não se vê como se poderia chegar a uma evolução. Mais ainda: se observarmos o que os primeiros filósofos ou sábios egípcios concebiam dessa ordem divina, veremos que nós não evoluímos muito em relação a eles. No máximo, dispomos de maior quantidade de documentos legados por pessoas que tiveram a mesma visão e que nos permitem comparar. A nossa visão seria mais diferenciada, mas, substantivamente, não é diferente da deles.

Podemos assim dizer que o homem é um animal espiritual, um animal metafísico, e é exatamente isso que o seu corpo deve transmitir. Se você tem as suas preocupações de ordem espiritual ou metafísica, mas o seu corpo tem as dele próprio e você permite que estas tomem a dianteira, você se converteu em um animal de duas cabeças. Uma espécie de mistura de Leibniz com chimpanzé. É exatamente esse risco, hoje tão frequente, que a educação desse período histórico que eu estou mencionando visava a eliminar, unificar o ser humano de modo que o seu corpo se transformasse num veículo dócil e expressivo para que as partes mais elevadas e mais sublimes da sua consciência pudessem se expressar através dele de modo a tornar isso visível, por assim dizer.

Vejam a que distância nós estamos das normas de polidez adotadas mais tarde no mundo burguês, onde tudo o que se visa é fazer com que você não incomode os circunstantes. Por exemplo, em uma cerimônia oficial ou uma recepção elegante, observamos que as pessoas têm de se comportar de uma certa maneira, de tal forma que elas, por assim dizer, não ocupem espaço, não incomodem, e esta é toda a preocupação. **[queda de transmissão]**

Eu estava dizendo que ao surgirem, mais tarde, as normas de polidez do mundo burguês, elas visam apenas a fazer com que cada indivíduo não incomode os outros, ou seja, que ele não pareça muito diferente dos outros. Por exemplo, imagine uma recepção oficial numa corte da Idade Média ou mesmo da Renascença, do mundo clássico europeu e uma recepção burguesa, hoje. Na recepção burguesa estao todos vestidos de maneira exatamente igual, como garçons, ao passo que, nessas outras épocas, cada um comparecia com as cores e as armas da sua familia e estavam perfeitamente individualizados. Você pode observar isso ainda hoje em fotografias certas tribos ditas selvagens, como, por exemplo, a tribo *Massai*, na África — uns negões compridos que são caçadores de leões, ou eram. Hoje em dia acho que não caçam leões mais...acabaram com a festa — No escudo de cada um deles está escrita a história da família inteira, não se vê um escudo igual ao outro. Isso é mais natural no ser humano do que vestirem-se todos numa mesma embalagem. A educação, a polidez no mundo burguês é a inexpressividade obrigatória. Não se pode chamar a atenção e, como todos têm de ser iguaizinhos, fica claro que esse comportamento é baseado num princípio de auto-vacina contra a inveja, o que significa que a inveja está presente. Todos têm de vir iguais, ninguém pode estar pode estar mais bonito que o outro porque, se alguém ficar um pouco mais bonito, todos teremos inveja porque todos somos invejosos. Isso é uma confissão de que se você vir alguém mais bonito, ao invés de admirá-lo, você vai ficar com inveja. Está aí, portanto, uma confissão de que ninguém presta.

Do mesmo modo, as normas de polidez... se você examinar um livro de etiqueta publicado entre os séculos XIX e XX, vai ver que tudo aquilo é uma camisa de força vestida assim para não se chamar a atenção de maneira alguma. Nesse período, ao contrário, a idéia era tornar o ser humano perfeitamente expressivo. Ora, se vai ser expressivo, é claro que vai chamar a atenção e o objetivo era exatamente esse. Porém, chamar a atenção como? Para o seu próprio umbigo, para o seu próprio ego? Não, porque a educação

era toda voltada para fazer com que o seu ego baixasse a bola e se tornasse um espelho, um sinal da presença divina. Portanto, havia uma série de modelos corporais a serem imitados pelas pessoas, que eram de duas ordens: os modelos profanos e os sacros. Os modelos profanos eram os oradores greco-romanos — veja que coisa absurda dizer que inspirar-se nos modelos clássicos, greco-romanos, apareceu mais tarde, na Renascença —. Não, no século IX, isso era um elemento essencial da educação. Ao ler, por exemplo, Cícero, e aprender a expressividade e a propriedade vocabular de um Cícero que não tem uma palavra fora do lugar, nenhuma que soe falsa ou errada, não tem uma que soe excessiva ou uma ênfase que pareça excessiva. Por outro lado, havia os modelos sacros, que são os daqueles que foram sacrificados pela verdade. Por exemplo, Sócrates e o próprio Jesus Cristo. Isso quer dizer que o corpo é visto como uma entidade que reflete as mais altas virtudes humanas, refletindo-as ainda mais se ele for torturado, mutilado ou morto. Todos nós vamos morrer, evidentemente, mas a morte, para a maior parte das pessoas, é apenas um fato biológico. Já a morte de algumas pessoas como a de Sócrates e a de Cristo são mortes exemplares, por afirmarem o primado da verdade espiritual sobre a mera existência corporal. Por esse motivo, o corpo humano está ali não para ser ocultado debaixo de uma camisa de força, mas para ser mostrado como um modelo.

Existe aí toda uma etapa educacional que é a aquisição do auto-controle necessário para que você possa escolher o que o seu corpo vai expressar. Veja, quando alguém aprende a tocar piano, o que ele está fazendo? Ele está proibindo os seus dedos de executar os movimentos que eles querem e obrigando-os a executar um movimento que **[0:40]** a sua mente lhes impôs. Isso é, no início, bastante forçado. Porém, aos poucos, o treino vai criando uma espécie de espontaneidade superior, na qual já não se sente nenhum esforço. O pianista que está tocando sente o esforço, evidentemente, mas, quem vê, não sente esse esforço. Tornou-se uma espontaneidade expressiva de segundo grau. Por isso eles tinham a idéia do corpo como se fosse um instrumento musical que tinha de ser afinado. Isso para que cada uma das suas expressões e dos seus gestos expressasse a totalidade da intenção superior que os inspirava.

Sem isso, meus filhos, vocês nunca aprenderão nada. A inteligência humana é tão, tão, tão imensamente dependente do corpo... O filósofo Alain costumava exemplificar isso dizendo aos alunos: “Abram a boca como quem vai falar 'a' e tentem, ao mesmo tempo, pensar no som de 'u'”. Depois de algum tempo, com muito esforço, você consegue. Isso significa que, conforme a posição do seu corpo, o tom da sua voz, o seu olhar etc, você está impedido de entender certas coisas.

Na cultura brasileira nós temos a coexistência de dois elementos que são igualmente antagônicos à inteligência: por um lado, a expressividade animal absolutamente descontrolada e, por outro lado, em certos ambientes, a camisa de força da polidez burguesa que é imposta aos seus gestos, às suas palavras etc, etc, etc... E nós temos que transcender essas duas coisas. Você tem de escolher os valores nos quais você vai acreditar, os objetivos da sua vida, o que cultuar e, gradativamente, transformar o seu corpo num instrumento

capaz de tocar essa música. Isso implica, é claro, um grande auto-domínio, uma grande capacidade de concentração. Se nós tivéssemos um ensino totalmente presencial, em que os alunos estivessem aqui ao meu alcance, a situação seria outra coisa, mas, como não temos, vamos ter de usar alguns artifícios para isso. Uma disciplina que recomendo por desenvolver altamente a concentração é o *tai-chi*. Ao praticá-lo durante anos você se torna capaz de determinar a sua conduta exterior, mesmo quando estiver sentindo muita dor. A dor, normalmente, toma a posse do corpo e você faz o que a dor quer e não o que você quer. E, como se diz, você paga o mico por causa disso. Eu aqui tenho várias testemunhas, minha mulher é uma delas. Pergunte se nos momentos de dor eu perdi a compostura. Jamais. Devo isso ao *tai-chi*. Você pode estar sofrendo uma dor horrível, mas não é obrigado a pensar nela. Pode continuar pensando em coisas que são superiores à dor, ela não precisa tomar conta da sua mente. E se você se concentra em outras coisas, pode impor ao corpo uma certa compostura, mesmo nos piores momentos, e não deixar que o corpo expresse a sua própria dinâmica. É a mesma coisa que deixar um instrumento tocar a nota que ele quiser. É isso que você faz, compra um piano para você tocar qualquer nota? Não, mas para tocar nele as notas que combinem de acordo com a música. O nosso corpo, da mesma forma, não se pode deixar que ele “escolha as notas”, é você que tem de escolher. Você nunca pode esquecer que o nosso corpo é formado de elementos que vêm do mundo exterior. Ele é formado daquilo que você comeu e de acordo com uma fórmula hereditária que, de fato, você desconhece. Você não conhece todos os seus antepassados. Como dizia o Dr. Szondi, cada um carrega em si milhares de antepassados, cada um exigindo que você o imite e repita o destino dele, por assim dizer. Isso forma uma massa de tendências contraditórias que cabe a cada um de nós dominar e administrar para os nossos próprios fins, desde que saibamos escolher esses fins.

O que existe ao mesmo tempo de desordenado e demasiado rígido na conduta brasileira reflete-se na linguagem das pessoas. Hoje eu leio muita coisa que aparece no Orkut, em blogs etc, para ver como as pessoas estão escrevendo. E eu reparo o seguinte: por um lado, não há mais o mínimo senso da propriedade vocabular. Nada, nada, nada. Perderam completamente. As coisas já não são designadas pelo seu nome mais apropriado, mas por algum outro nome parecido. Por exemplo, se um sujeito expressa uma ideia que é diferente da ideia da maioria; dizem que ele é polêmico. Se ele, porém, fizer como o Mike Tyson e jogar uma geladeira na sogra, também dirão que ele é um sujeito polêmico. A palavra polêmico virou uma espécie de “curinga”: ela entra no lugar de qualquer outra coisa. Como isso é possível? Por exemplo, chama-se de polêmico um sujeito que levanta polêmicas e o sujeito a respeito do qual existe uma polêmica. Portanto, confunde-se o sujeito polêmico com o controvertido. Controvertido é uma pessoa a respeito da qual circulam muitas opiniões divergentes. Eu diria, por exemplo, que o Michael Jackson não é polêmico, é controvertido, porque ninguém o entende. Cada um tem a sua hipótese a respeito do Michael Jackson. Quando você diz que o Michael Jackson é polêmico, eu digo: como? Ele nem participou de polêmica alguma e nem existe uma polêmica específica a respeito dele. Existe uma controvérsia. Eu, ansiosamente, tenho procurado a palavra “controvertido” no lugar da palavra

“polêmico” e não a encontro. Esse é só um exemplo que eu estou dando. Uma coisa é sempre confundida com a outra.

A regra máxima da boa escrita, no que diz respeito à seleção de palavras, é você sempre preferir o termo específico em vez do termo genérico. Porém, quando você não sabe o termo específico, usa o genérico. Já contei a vocês, por exemplo, sobre a minha filha Leilah, que, quando pequena, todos os vegetais para ela eram batatas. Quando nós aprendemos uma língua estrangeira acontece o mesmo. Nós sabemos apenas uma palavra para designar uma infinidade de coisas diferentes e apelamos sempre para a mesma palavra. Só que quando você começa a escrever coisas que se destinam a ser lidas por um público, você não tem mais o direito de fazer isso. Você tem de buscar a palavra exata. Ora, quando não há a palavra exata, o que acontece? Você tem a impressão de que não disse o que queria dizer. Então, o que você faz? Enfatiza e aumenta. A sua impressão é correta; você, de fato, não disse o que queria dizer. Voltar a dizer, porém, a mesma coisa com pequenas variações, enfatizando e aumentando, aumentando, aumentando... não vai produzir nada. Só produz um efeito cômico de diferença entre a importância que você parece estar dando àquele negócio e a importância que ele realmente tem. Essa ênfase deslocada se transformou no Brasil numa verdadeira marca de estilo dos jornalistas profissionais. **[0:50]** Não estou falando da juventude que escreve. Outro dia apareceu o Paulo Henrique Amorim comparando o governo de Honduras ao nazifascismo. Ora, quantos campos de concentração existem em Honduras? Quantas pessoas foram fuziladas ou colocadas em trabalhos forçados por causa de idéias políticas? Nenhuma. Então, o que há de comum? Não há absolutamente nada. Há o fato de que o sr. Paulo Henrique Amorim quer mostrar que as pessoas são odiosas, mas como ele não tem as palavras para dizer isto, apela à primeira figura de linguagem que lhe ocorreu, que é constituída de mero exagero, mero hiperbolismo histérico e descontrolado. Praticamente todo mundo escreve assim no Brasil hoje. Isso é horrível, horrível, horrível... Para quem formou a sua mentalidade lendo grandes escritores e vendo a preocupação que os bons secretários de redação e editores de página tinham com a linguagem quarenta anos atrás, isso é uma coisa tão, tão, tão deplorável...Eu me lembro que, quando comecei no jornalismo, eu tinha lá um editor-chefe que se chamava Ciro Franklin de Andrade. O Ciro ficava com um lápis corrigindo as nossas matérias e, quando alguém escrevia alguma absurdidade, ele recortava aquilo e grudava num mural com o nome do autor, para expô-lo à execração pública. Depois de você aparecer no mural umas três ou quatro vezes, começava a prestar atenção no que estava escrevendo. Hoje em dia simplesmente não há mais isso. Observando, por exemplo, os chefes de redação, ou mesmo o *ombudsman*, que é o crítico interno do jornal, você descobre que os caras não sabem escrever. E eles não sabem que não sabem. Eles não têm a menor ideia de que não sabem. Por que? Porque eles escrevem para outras pessoas que pensam do mesmo modo que eles e que aceitam esses códigos. Ou seja, são iletrados escrevendo para iletrados.

Ora, se você entende a relação que existe entre consciência moral e inteligência e a relação que existe entre o hábito corporal a consciência moral, você conclui que em um país onde não haja um certo número de pessoas que

possam servir de exemplos vivos de alta cultura e seriedade, a moralidade vai cair. Eu sei, por experiência, que o nível de moralidade aqui nos EUA é infinitamente mais alto que no Brasil, isso a gente observa em tudo. O número de americanos bem-intencionados é incrível, mesmo os mais burros, mesmo os esquerdistas, mesmo o comunista tem a preocupação de fazer a coisa certa. Ele pode estar completamente enganado quanto ao que é certo e errado, mas, essa marca da boa intenção, observa-se em todo lugar. Há certos exemplos públicos que não têm similar no Brasil. Eu me lembro, por exemplo, de quando o Ronald Reagan levou um tiro. Qual foi a primeira atitude dele? Colocaram-no na maca e o levaram para o hospital. Uma enfermeira que estava lá deu a mão a ele para dar um apoio. Ele se vira para ela e pergunta assim: “A Nancy sabe de nós?” O sujeito está ali morrendo e faz uma piada? O que é isso? Você via exemplos assim e no resto do mundo em outras épocas. O rei Luís XV, por exemplo, levou uma facada, um sujeito o esfaqueou, e ele, muito polidamente, informou aos seus assessores: “Aquele cavalheiro acaba de me esfaquear”. Contrastem esses exemplos de auto-domínio com o do nosso presidente chorando de auto-piedade por ter sido um menino pobre no Nordeste e vocês vão ver a diferença abissal entre duas culturas. Vocês também vão entender porque que o Brasil, mesmo que se torne o país mais rico do mundo, não será jamais uma potência dominante porque tem a mentalidade do lumpemproletário. É claro que a mentalidade do bebê chorão já entrou aqui. Nos anos 60, um jornalista brasileiro chamado Emil Farhat escreveu um livro chamado *O país dos coitadinhos,* (era o Brasil...) Os Estados Unidos estão aprendendo rapidamente a virar o “país dos coitadinhos”. O que eu estou falando é algo que está declinando por aqui e, se eles não tomarem cuidado, vai virar o país dos coitadinhos mesmo. O presidente americano... jamais foi um menino pobre, mas tem de ser tratado como se fosse um menino pobre e tem o direito de ser presidente baseado no princípio do “dama por um dia”. Isso é uma coisa extremamente grave, mas está acontecendo aqui. Quem, no entanto, tem de dar o exemplo para a sociedade? Não são os políticos em primeiro lugar. Sem dúvida, o exemplo tem de vir da intelectualidade, que são os verdadeiros formadores de opinião. Não os formadores de opinião imediata que são os jornalistas, os radialistas etc. São os formadores de opinião a longo prazo. Hoje, aqueles que ocupam os postos numa redação de jornal foram formados por professores universitários, de maneira que eles são o reflexo da educação universitária que receberam.

No Brasil você observa essa mistura, essa coexistência de populismo e rigidez hierárquica, e as pessoas passam de uma coisa à outra com a maior facilidade. O mesmo sujeito que é totalmente descontrolado, totalmente brega, como se diz, de repente, começa a fingir que é uma pessoa muitíssimo educada e que não tolera, por exemplo, um palavrão ou uma piada suja. Tudo isso é tão feio, tão feio, tão feio...Pensem no efeito que isso pode ter sobre as suas almas.

Outro hábito que tem-se disseminado no Brasil nos últimos 20 anos é o da indignação fingida. Para o sujeito mostrar como ele é bom e maravilhoso, tem de encontrar outro que pareça pior do que ele e se mostrar indignado, chocado com a má qualidade do outro. Assim, a expressão de indignação tem de ser enfatizada artificialmente.Você tem de se mostrar muito mais indignado do que realmente está. Porém, se você começa a fazer isso, representando a

indignação, você acaba ficando indignado mesmo e os seus sentimentos se tornam desproporcionais à realidade. Nesta semana, eu observei, entre alunos do meu curso, uma polêmica a respeito de uma pequena quantia em dinheiro. E vi que aquilo foi num crescendo de indignação mútua que, sinceramente, me envergonhou. Se você se habitua a enfatizar a sua indignação, acaba ficando indignado por causa de picuinhas.

Vou dar um exemplo e o meu objetivo ao dar este exemplo não é mostrar mostar a vocês como eu sou bonito e gostoso. Não é. É apenas para dizer que eu faço o que estou ensinando. E isso tem de ser rigidamente assim. Você tem de ser aquilo que você fala. Eu não sou um portador de todas as virtudes, mas algumas eu tenho porque decidi que vou ter e que não vou viver sem elas. E esse auto-controle na indignação é uma coisa fundamental. Eu jamais direi de um outro o que eu não diria de mim mesmo se fizesse a mesma coisa. Decidi assim há mais de 30 anos e isso aí eu cumpro. **[1:00]** Outro dia veio um sujeito aqui dizendo que precisava de três mil dólares emprestado. Eu não tinha os três mil dólares. Empenhei o meu carro para emprestar o dinheiro e o sujeito não me pagou. Pergunte para quem vive aqui se eu fiquei bravo com ele. Nem um minuto. Eu já me tornei incapaz de ficar bravo por qualquer prejuízo pessoal que as pessoas me causem. Eu não nasci assim. Se ele fizesse isso comigo aos vinte anos, provavelmente, eu faria um discurso ético. Depois, porém, eu aprendi que isso é palhaçada. Vou dizer uma coisa pra vocês: qualquer tipo de expressão de indignação por pequena coisa está proibido neste curso. Se vocês quiserem fazer isso, façam longe dos meus belos olhos. Porque numa situação dessas não interessa quem tem razão. Querer ter razão aí já é errado. Quando Goethe disse: “Antes a injustiça do que a desordem”, foi exatamente isso que ele quis dizer. Se você não é capaz de sofrer pequenas injustiças com elegância, você não é um cidadão preparado para a vida em sociedade — pequenas e até grandes injustiças.

Eu só fico indignado quando aquilo que o sujeito fez contra mim ele está fazendo, ao mesmo tempo, contra Deus ou contra valores altíssimos. Não foi Deus quem emprestou os três mil dólares para o cara; fui eu, apenas eu. Isso significa que o sujeito cometeu uma infração apenas contra mim, ele não ofendeu nenhum valor sublime.

Se pudermos modular a nossa indignação conforme a altitude dos valores em jogo, o que teremos feito em nosso próprio benefício? Em primeiro lugar, você vai afinar a sua consciência de valores, que é algo absolutamente fundamental até para você ler um poema e saber apreciá-lo. Se a sua máquina perceptiva não está afinada para perceber diferentes escalas de valores, meu filho, você jamais vai perceber a diferença entre Paulo Coelho e Camões. A indignação por pequenas coisas danifica, não só a sua moralidade, a sua personalidade, torna-a feia, mas danifica a sua inteligência.

Como nos últimos vinte ou trinta anos houve no Brasil uma espécie de culto à indignação, de modo que a indignação passou a se tornar um exemplo do sentimento mais alto que as pessoas têm, qualquer mafioso ou gângster que apareça indignado com alguma coisa parece ser uma grande pessoa. E

estudando essas coisas da educação no século IX, nós vemos que o dano que esse tipo de hábito pode fazer a uma inteligência humana é irreparável. **[1:04]**

Alguns aqui talvez ouçam o meu programa *True Outspeak*, e lá são usados muitos palavrões. Não sei se vocês repararam que cada vez que eu digo um palavrão, ele tem uma subcorrente irônica ou humorística e que, naquele momento, ao proferi-lo, eu me transformo em um outro personagem, do qual eu mesmo estou rindo. Esse personagem é, evidentemente, o Alborghetti. Naquele momento, para aqueles fins, eu me transformo em Alborghetti, consciente do elemento cômico que a coisa tem. Senão, meus filhos, eu jamais diria um palavrão. Se eu dissesse: “o palavrão brotou do meu coração espontaneamente, irrefreavelmente”, então eu teria que ser internado, estaria louco. Eu sou um escritor profissional, um conferencista, um orador profissional, tenho de ter o controle da minha linguagem, tenho de dizer o que eu quero e não o que um estado orgânico, passageiro, ditou para mim. É evidente que para o ouvinte tosco e despreparado essa diferença escapa, mas, alguns percebem. Quantos alunos já não me escreveram dizendo: “puxa vida, mas esses seus palavrões são de uma exatidão extraordinária”, São sim, são calculados para isso; o uso deles é no momento certo, com a finalidade certa, para criar um certo efeito, e estão lá cumprindo o seu papel. Quando eu falo do autocontrole, não estou falando dessa camisa-de-força burguesa. Eu jamais aceitaria isso. Eu não faço questão de *parecer* uma pessoa educada pelos padrões de hoje, mas algum padrão ideal eu tenho em vista. Longinquamente, é esse padrão do ensino medieval. Longinquamente, eu não pretendo ser uma cópia dele, no máximo sou uma caricatura remota. Mas nós podemos continuar tendo esse padrão como nosso ideal. Cada um de vocês deve ter isso.

Pensem, por exemplo, na voz com que vocês falam. O que sua voz transmite? Eu sei que a maior parte das pessoas hoje, quando elas falam, o que transmitem é somente insegurança, como se estivessem todos aterrorizados e em dúvida o tempo todo. Se esse é o tom da sua voz, o que você tem o direito de exprimir com esse tom? Somente sua dúvida, sua perplexidade, e não pretensas certezas nas quais você não acredita de maneira alguma. Não existe nada mais deprimente do que uma pseudo-certeza enfaticamente repetida ou gritada para disfarçar a incerteza do seu coração.

Esta aqui é uma norma: quando você não sabe, quando está incerto, veja se você está inseguro, repare. Essa insegurança pode ser preciosa porque ela expressa a verdadeira experiência que você está tendo do assunto, o que você realmente sente. Se você está incerto é porque não sabe, e se você não sabe, o que você tem de dizer? Duas palavrinhas mágicas: “não sei”. Qual o problema de dizer isso? Só dizendo “não sei” muitas vezes é que um dia você vai poder dizer “sei”; e dizer “isso não é uma opinião minha, estou dizendo porque eu sei”. Você vai aprender a distinguir a certeza da incerteza. Essa é outra coisa que também eu vejo que está totalmente ausente da cultura brasileira: as pessoas não sabem perceber quando têm certeza e quando estão incertas. Em geral, elas proclamam certezas absolutas mesmo no instante em que dizem que não há certezas absolutas. Tudo isso para fingir uma segurança; e por que fingir segurança? Porque o brasileiro é hoje talvez o povo mais inseguro do mundo. É inseguro porque, por um lado, sabe que pode ser

atingido por uma bala perdida, mas, por outro lado, ninguém na sociedade admite que está em uma situação apocalíptica. Há por toda parte um fingimento de normalidade. Aqui, por exemplo, nos Estados Unidos, quando se chegou a 10 mil pessoas mortas no Iraque, já era um escândalo público: “10 mil pessoas é muita gente”. No Brasil morrem 50 mil por ano, mas não se pode dizer que o país está inseguro. Então essa afetação de segurança pública **[1:10]** contrastada com a insegurança individual produz uma tensão interna insuportável. As pessoas tentam sair dessa tensão proclamando certezas que não têm e enfatizando essas pseudo-certezas com palavras cada vez mais veementes, com vistas a criar uma segunda realidade feita somente de palavras.

Se existe o princípio da propriedade vocabular, existe também o princípio da propriedade da ênfase. Um dia minha filha Inês estava aqui e nós estávamos pregando pregos com uma pregadeira hidráulica americana, que é uma máquina de um poder extraordinário. Ela, inadvertidamente, acertou um prego no meu dedo. Quando ela viu o sangue saindo, começou a chorar e estava chorando demais. Então, eu falei: “minha filha, se você chora assim porque pregou um prego no meu dedo, quanto você vai chorar quando eu morrer? Você não vai conseguir chorar mais do que isso”. É claro que ela parou de chorar. Isso que você tem de pensar: sua expressão emotiva tem que ser proporcional à verdadeira emoção, a não ser que você queira dar um efeito irônico e cômico, fingindo uma emoção a mais, justamente para mostrar o quanto aquilo é ridículo.

Não estou dando aqui um manual de boas maneiras, eu estou dizendo essas coisas porque elas são fundamentais para ajustar a sua percepção à realidade das coisas. E a percepção ajustada à realidade das coisas é a base da inteligência filosófica. As pessoas foram treinadas dessa maneira durante dois ou três séculos que, ao chegar ao século XII ou XIII, apareceram aqueles camaradas capazes de perceber distinções finíssimas, distinções lógicas que normalmente ninguém perceberia e que você vê ali em São Tomás de Aquino em Duns Scott, e nos escolásticos até muito tempo depois — Soares, já três séculos depois, ainda tem essa percepção. Você encontra alguns escolásticos, até do século XX, André Marques (nós temos um aluno chamado André Marques, mas não é ele, é um filósofo — grande filósofo escolástico do século XX, chamado André Marques)... Isso não veio do puro cultivo da inteligência raciocinante, isso veio do coração das pessoas, veio da sua realidade. O que nós estamos precisando mais urgentemente no Brasil é de uma galeria de pessoas que dêem um exemplo público de outra maneira de falar, outra maneira de ser, outra maneira de pensar, outra maneira de atuar nas coisas públicas e que, em vez de ficar bradando “ética, ética, ética”, mostrem alguma coisa.

Desde o início do curso eu insisto nessa virtude da sinceridade. Essa é a virtude básica da inteligência. Você tem de dizer as coisas tal como as está percebendo, nem mais nem menos. Isso é muito difícil. Exige, primeiro, que a sua memória seja fiel à sua percepção. Que você se lembre daquilo que você percebeu e não de uma outra coisa parecida que você, por analogia, pegue. Em segundo lugar, exige o domínio da linguagem, que está cada vez mais deficiente no Brasil. É trágico você ver o que está acontecendo na linguagem

brasileira, sobretudo quando a gente vê as novas gerações. Não acreditem jamais que usando a linguagem atual da sua geração vocês vão conseguir alguma coisa. Essa é a linguagem da impotência. É a linguagem que todo mundo fala e ninguém ouve. Muitas vezes a gente vê as pessoas usando os mesmos recursos lingüísticos dos outros porque são os recursos usuais e elas acreditam que vão ser muito persuasivas assim, mas não vão. Reparem que nesses debates que circulam, por internet sobretudo, todo mundo fala e ninguém ouve. Isso é a anti-persuasividade. Se você, porém, vai e diz a coisa exata, todo mundo presta atenção porque isso destoa da tagarelice geral, porque tem ali alguma substância, alguma coisa real.

Esse predomínio da realidade, esse predomínio do objeto do qual você está falando: isso é outra coisa em que eu sempre insisto nos meus cursos: “aqui o centro da coisa não é nem o professor nem o aluno, é o do que nós estamos falando...” Quer dizer, o objeto é soberano. É a ele que nós devemos a nossa obediência.

Eu recomendo alguma disciplina corporal, especialmente o tai-chi, que desenvolve muito a concentração e a paciência. A paciência é absolutamente fundamental. O que é a paciência? É a capacidade, por exemplo, de ficar parado durante horas, é a resistência ao tédio. Nisso aí eu fui treinado desde moleque porque como eu fiquei doente muito tempo eu não podia fazer nada, não dava para levantar da cama para fazer nada. Então o que eu tinha que fazer? Tratar de me divertir em pensamento. Pelo menos pensar em alguma coisa – já que eu não podia fazer nada –, pelo menos pensar em alguma coisa interessante. Isso é um bom exercício. Mais tarde, quando eu arrumei meus primeiros empregos horrorosos e eu queria ser um escritor – mas eu não tinha nem tempo para isso – eu escrevia imaginariamente. Eu escrevia e guardava os textos na minha mente. Até hoje eu faço isso: primeiro escrevo na minha mente, depois eu falo e depois escrevo. Quer dizer, quando eu escrevo a coisa já está pronta. Isso é um excelente exercício. Por exemplo, quer dizer alguma coisa? Pense as palavras que você vai dizer e guarde-as na cabeça, não as escreva. Repita uma vez, duas vezes, três vezes.

Outro exercício excelente: decore poemas. Adotem, a partir de hoje, como prática, decorar um poema, de qualquer língua, por mês, mas escolham coisa boa: nada abaixo de Shakespeare e Camões, pelo amor de Deus. Vou passar um exercício: durante este mês — eu vou dar um mês inteiro, vamos começar com pouca exigência — decorem o soneto de Camões que começa com a linha “transforma-se o amador na coisa amada”. Decorem este, este mês. Vamos decorar um por mês.

Os poemas decorados viram para você um repertório de recursos linguísticos que mais tarde lhes serão úteis. Tudo que você coloca na memória produz analogias, produz filhotes. E, muitas vezes, você escrevendo, produzirá certas frases que vão ter uma vaga ressonância camoniana, isso se não for uma alusão.

Eu reparo que no Brasil ninguém mais sabe o que é uma alusão. Uma alusão significa você fazer uma frase igual ou similar a de um autor conhecido sem citar o nome, porque você presume que o seu leitor conhece e reconhece a

alusão. Por exemplo, se você usa a expressão “selva escura”, você não vai dizer “selva escura, como dizia Dante”, porque isso evoca imediatamente o primeiro terceto da Divina Comédia. O número de frases que podem servir de alusões depende da existência de um público leitor apto a percebê-las, mas a ignorância do **[1:20]** que seja alusão chegou no Brasil a tal ponto que até pessoas cultas se tornaram incapazes de perceber alusões. Eu me lembro que o Fernando Jorge escreveu um livro contra o Paulo Francis acusando-o de plágio. Eu fui ver o que era o plágio e era um monte de alusões que ele fazia. Se o Paulo Francis dizia “ser ou não ser, eis a questão” e não dizia “como dizia Shakespeare”, o cara chamava de plágio. Não é possível. A alusão é um mecanismo usual, clássico da literatura e só funciona se você não mencionar o autor. Nesse caso, todas as alusões vão ter de ter uma nota de rodapé “Shakespeare, tal peça, página tal”. É um absurdo isso aí.

Se as pessoas não percebem alusões, elas também não percebem figuras de linguagem. E, frequentemente, não percebem a distinção entre a linguagem direta, literal e uma figura de linguagem. Portanto, a figura de linguagem começa a valer como se fosse uma coisa literal. Um exemplo é esse do Paulo Henrique Amorim quando diz que o governo de Honduras é um nazi-fascismo: é uma hipérbole tão hiperbólica que chega ao limite da demência, da alucinação. Mas eu pergunto: quantos percebem isso?

A desproporção no uso da linguagem equivale à desproporção nos sentimentos e, portanto, à desporporção na percepção. Eu me lembro, por exemplo, quando foi preso um juiz corrupto, o famoso Juiz Lalau. Ele tinha desviado uns 100 milhões. A nação inteira ficou tão indignada com o Juiz Lalau... foram tempestades de palavras expressando indignação. Tinha gente que chorava de indignação por causa dele. Quando, depois, prenderam o Champinha, ninguém ficou tão indignado assim. Quer dizer, você roubar um dinheiro é muito pior do que você matar, estuprar etc, etc. A alma do povo está completamente torta, perderam toda a noção de hierarquia. Por quê? Porque a revolta contra o corrupto é pública, é fomentada pelos próprios políticos que querem se erguer caminhando sobre as ruínas dos seus antecessores; é fomentada pelos jornalistas que querem enfatizar o seu posto de fiscais da moralidade pública; é enfatizada pelos atores e atrizes, pelo pessoal do *show business*, que está aí para fingir mesmo, cuja profissão consiste em fingir. E o povo vê tudo isso e começa a graduar os seus sentimentos pelos desses modelos.

É por isso que eu digo, nós que estamos estudando, que estamos criando uma camada intelectual, temos de ser outros modelos e a primeira coisa que temos de expressar e tornar visível é a proporção entre o fato, o sentimento e a expressão. Se você, perante uma notícia do Juiz Lalau, chega à última ênfase da indignação, como vai fazer para se expressar se alguém entrar na sua casa e matar toda a sua família? Você não terá palavras. Essa desporporção é uma das coisas mais feias que tornam a cultura brasileira eminentemente caricatural. Obviamente que a caricatura tem o seu lugar, mas não a involuntária. O humorismo é ótimo, quando involuntário é duplamente cômico, mas, ao mesmo tempo, é patético. Por exemplo, o nosso presidente chorando porque o Brasil foi escolhido para a sede das Olimpíadas: me comove? Não, a mim arranca risos. O homem não chora porque morrem 50 mil brasileiros por ano, mas chora por um fato sobre esporte? Que brincadeira é essa? É claro, ele

é uma espécie de incorporação pública de um sentimento deslocado, mas aqueles que o odeiam e falam mal dele são iguaizinhos.

Se não corrigirmos essas coisas, se o nosso corpo, as nossas emoções, a nossa linguagem, não estão afinados com a realidade, a nossa inteligência também não está. Esse é o grande obstáculo ao aprendizado. Não há obstáculos de ordem intelectual. Acho que ao contrário: a gente vê que as crianças brasileiras são extraordinariamente inteligentes e vivas quando têm uns 10 ou 12 anos, mas quando chegam aos 15 já se tornaram todas idiotas. À medida que incorporam a cultura, ela acaba com eles. A experiência de muitos professores estrangeiros que lecionaram no brasil confirma isso. Os brasileiros são muito inteligentes no começo e muito burros no fim. Quer dizer, não há nenhum problema natural. Não é um povo naturalmente burro, é um povo emburrecido. E esse emburrecimento não adianta repará-lo na sociedade. O que funciona é reparar como aquilo entra dentro de você. Eu reparo isso em mim todos os dias. Por reparar há muito tempo, eu já consigo refrear essas coisas e trocá-las por outras expressões que são mais adequadas aos meus fins.

Vamos fazer um intervalo aqui e depois vou passar a responder às perguntas: 5 minutos (intervalo).**[1:26]**

Antes de passar a responder às perguntas, eu queria lembrar duas coisas: a) a primeira, é que, evidentemente, uma das causa de todos esses vícios que eu mencionei na primeira parte da aula é o desejo de ter razão. Você tem de aprender uma coisa: ter razão não importa. O que importa é apreender a realidade. A realidade só pode ser apreendida como um sistema de tensões cruzadas. Por exemplo, quando você vai desenhar um objeto no espaço, você vai medi-lo em diferentes direções e, nessas diferentes direções, ele mostrará diferentes aspectos. Você mede numa direção, mede na outra...o desenhista faz com o lápis...pega aqui o lápis e vai...mede assim, mede assim, mede assado...Esses diversos aspectos se cruzam no objeto e vão demarcando a sua espacialidade. É assim que se desenha e é assim que se apreende uma realidade também. Ou seja, você só consegue apreender alguma coisa da realidade quando você a vê por muitos aspectos contraditórios, mas se você se apega logo à primeira opinião que você criou, nunca vai chegar lá. Você vai ficar apenas com um substitutivo verbal persuasivo. Você diz uma frase e tão logo você consegue expressá-la, ela lhe parece persuasiva, mas não porque ela concorde com o objeto, é porque ela concorda com você. No momento em que você emite essa frase, em que o outro concorda ou discorda, você está apenas no mundo dos intercâmbios humanos. O objeto ficou de fora. E é justamente isso é que nós temos de aprender a evitar, porque senão nós nunca vamos passar da mera ênfase retórica ou herística para uma verdadeira dialética filosófica.

As opiniões, para o cidadão comum que não tem uma educação superior, são verdadeiras jóias, que ele conserva porque exprimem para ele a sua identidade pessoal; ele se reconhece nessas opiniões, e quando alguém as repete, diz algo que concorda com ele, ele se sente reforçado na sua identidade. Se nós queremos evoluir na vida intelectual, precisamos nos acostumar a não nos identificarmos com idéia nenhuma, mas nos identificarmos com o centro da

consciência, [1:30] com o centro da inteligência que apreende essas verdades, e apreenderá outras e outras e outras, sem parar... É preciso que a nossa identidade pessoal deixe de ter uma forma fixa e se transforme na identidade de uma força, de uma luminosidade. Em vez de vocês se identificarem com personagens específicos, vocês têm que se identificar com o centro produtor dos seus personagens, porque isso é o que vem de Deus, é ali que você vê a ação do Espírito Santo.

Contudo, se você se apega a várias formas, você é como um ator que se identificou tão bem com um papel que não consegue representar os outros; e você perde o seu emprego... Não acreditem no primeiro papel que vocês representarem, nem no segundo, nem no terceiro, nem no quarto... as opiniões são realmente como papéis que você representa num certo momento, e é necessário que você deixe que elas venham e vão, elas sumam, muitas vezes. Aos poucos, você verá a realidade do objeto se perfilar diante de você, como que magicamente; ali, através de um processo mental, você transcendeu o meramente mental, é uma certa passagem de nível... é como o desenhista, que vai fazendo vários traços. De repente, o que você vê ali não são traços, é o próprio objeto que está aparecendo ali, é uma espécie de um salto que você dá. A partir de um certo momento, a coisa deixa de ser traços num papel e adquire uma certa espacialidade, uma tridimensionalidade. É nisso que a nossa mente tem de chegar para você ter a certeza de que está lidando com coisas reais, e isto só se obtém através da representação do objeto por meio de muitas linhas cruzadas, contraditórias.

Lembrem-se daquele exercício do Nilton Ribeiro: ele estava lendo a “Metafísica” de Aristóteles, e em cada linha ele começou a perceber um problema. Aí é que você está entendendo Aristóteles, porque esse problema está lá mesmo. Não existe nenhum problema filosófico que possa ser resolvido com uma frase. Cada sentença filosófica, em si mesma, está pondo um abacaxi na sua mão, e é percebendo essa problematicidade, essa tensão interna, que se chega a entender um livro de filosofia. Às vezes, só é possível chegar a uma conclusão, muito adiante. Uma das vantagens que nós temos hoje, em relação aos primeiros filósofos, é que nós temos toda uma história da filosofia documentada, o que nos dá um status quæstionis mais elaborado. O que é o status quæstionis? É a coleção dos aspectos contraditórios que foram sendo percebidos ao longo do tempo, mas se nós não tiramos proveito desse legado, não nos adianta absolutamente nada. Nós temos de aprender a examinar uma coisa por muitos aspectos e chegar a muitas conclusões contraditórias e deixar que estas contradições fiquem nos pressionando por dentro até que o próprio objeto marque a sua presença. Isso é o que interessa, e não “ter razão”. Porém, se você se acostuma a querer ter razão em toda discussão de pequenas coisas, você está danificando o seu cérebro. Você tem de pensar também como um grande esportista, um grande lutador: você não pode bater em qualquer um na rua, meu Deus do céu! Se você está armado, ou, se é um lutador habilitado em boxe ou jiu-jitsu — ele é uma arma ambulante — não pode bater em qualquer pessoa. Se alguém xinga o sujeito, ele tem que dizer “sim, senhor”; não por ser covarde, mas por ter consciência da sua superioridade. E nós temos que fazer exatamente a mesma coisa: se vocês querem mais tarde lutar e vencer utilmente nas grandes questões públicas, abdiquem de ter razão nas questões particulares. Isso não tem importância.

Esqueça. Perdoe sempre: sempre, sempre, sempre, sempre, sempre... Você vai ver o bem que isso vai lhe fazer. Não estou dando isso como norma de educação, mas como um procedimento vitamínico; isso libera uma força dentro de você.
b) a segunda coisa que eu queria dar aqui como amostra daquilo que eu estava falando no começo, era que vocês ouvissem um pedacinho (não precisa ouvir inteiro) de um vídeo do YouTube, em que aparece o tenor Mario Del Monaco — para o meu gosto, o maior tenor dramático de todos os tempos — num concerto que ele deu na BBC. Quando ele anuncia as canções que vai cantar, ele o faz com uma modéstia absolutamente exemplar, e quando começa a cantar é uma demonstração de força avassaladora. Uma coisa contrasta tanto com a outra que você observa: "olha que coisa bonita, a modéstia da pessoa comparada com o poder do artista". Assisti a várias entrevistas do Mario Del Monaco e ele é sempre assim, sempre fala baixinho, humilde, elogia os outros, nunca fala de si mesmo, mas na hora que é para mostrar o que tem, ele mostra. Eu achei isso muito bonito e queria mostrar para vocês como é que isso funciona. A Isabela vai colocar este vídeo do YouTube para vocês verem, mas só um pedacinho:
[entra o vídeo]

http://www.youtube.com/watch?v=9n1lE1Hynss]

Vocês viram o contraste entre a modéstia da apresentação e a exibição de força logo no começo da interpretação. É algo absolutamente majestoso. Isso é, para mim, uma espécie de modelo: não diga o que você vai fazer, faça. Não capriche na ênfase, capriche na realidade. É só isso. O Mario Del Monaco cantava assim por quê? Porque ele sabia cantar assim. Ele de fato nasceu com essa voz. **[1:40]** Ele era um sujeito muito religioso, ia à missa todo dia, rezava muito. Havia uma moça em Roma que era cega, mas, enquanto ela estava ouvindo Mario Del Monaco, ela enxergava. Ele terminava de cantar, ela parava de enxergar. Aconteceram várias coisas deste tipo. Isso é um dom de Deus, não pertence a ele, de algum modo. Também não há porque você ser moderado na exibição dessas coisas. A força que você realmente tem, quando lhe chamam para mostrar: "mostre aí o que você sabe fazer!". Está aqui. No outro dia eu li no próprio YouTube, um sujeito que disse mais ou menos o seguinte: "entendo os críticos do Mario Del Monaco" — é que tem uma gravação em que ele está cantando a ária do Barbeiro de Sevilha, a ária do Fígaro (que é para barítono). E ele é um tenor e vai lá e dá uma execução terrível, terrível, e o sujeito diz — "entendo os críticos do Mario Del Monaco, é que depois disso, qualquer sujeito que se aventurar a cantar isso vai ficar parecendo uma bichinha"... assim o cara disse. É mais ou menos assim, vai deixar as pessoas complexadas, outras vão ficar com raiva, muitos tenores perto dele parecem realmente uma galinha, mas, pediram pra cantar, o sujeito cantou.

Dei isso como um exemplo do que seria a verdadeira compostura. A verdadeira compostura não é inibição, é apenas um ajuste à realidade exterior.

Vamos passar aqui a responder algumas perguntas.

Aluno: No livro 'Redação com base na Lingüística, e não na Gramática', de Diógenes Magalhães, o autor define que os grandes autores não são apreciados pelos ignorantes em literatura porque suas obras não teriam enredo, e sugere que a falta de enredo é o que define a literatura, citando como exemplo Machado de Assis...

Olavo: Opa, opa, opa! Eu li todos os romances do Machado de Assis, todos os contos, e várias vezes! Todos tinham enredo, não tinha nenhum sem enredo, onde é que ele viu falta de enredo? É porque, sei lá, não caiu nenhuma ponte, ninguém soltou uma bomba nas Torres Gêmeas, ninguém matou ninguém, e aí vai dizer que não tem enredo? O que é isso? Existe, por exemplo, um romance do Julien Green, que é famoso por ser chamado o "romance parado", onde as coisas parecem que vão acontecer, mas não acontecem, o tempo todo, e você não consegue desgrudar da coisa até o fim! Mas como é que isso é falta de enredo? São acontecimentos da ordem psicológica, são as expectativas, os temores que estão ali, isso aí é um enredo, e como "falta de enredo" ? O sujeito falar "A Redação com base na Lingüística, e não na Gramática" já é o seguinte: a lingüística é uma pseudo-ciência. Ferdinand Saussure era um baita dum charlatão. Esqueçam essa porcaria, entenderam? A lingüística é o reino das opiniões. Vale tudo. Ao passo que a Gramática, embora não seja uma ciência, é uma técnica consagrada e serve para alguma coisa.

Aluno: (...) em conversas recentes, após analisarmos as definições de vários sobre o conceito de Literatura, chegamos a uma característica consensual: a boa literatura tem a propriedade de expressar o que julgávamos inexprimível ..."

Olavo: Mas é exatamente isso: ela existe para tornar visível uma coisa que antes ninguém conseguia dizer, e que, uma vez dita, torna-se uma propriedade pública. Também não adianta nada essa propriedade pública se você não se apossar dela. Se você não lê os grandes escritores e não se apropria dos instrumentos expressivos que eles criaram, você continua numa fase anterior.

Aluno: (...) expressar o que isso julgávamos inexprimível, mas no fundo todos sabíamos...

Olavo: É exatamente isso.

Aluno: (...) Por outro lado, também entendo que certos enredos têm a capacidade de criar símbolos insuperáveis de uma idéia, de tal modo que não se consegue superar a força expressiva com símbolos novos, tal como uma melodia que modula um estado de espírito e que a faz em sua máxima representatividade, estando aí a sua beleza.

Olavo: É exatamente isso, às vezes o autor consegue expressar a coisa de uma maneira tal que, quem quer que pretenda expressar a mesma coisa, vai ter de expressar do mesmo jeito, porque não há outro melhor. O que você está dizendo está certíssimo, mas o que esse Diógenes Magalhães fala, é melhor esquecer... como "não tem enredo"? Escrever um romance sem enredo, meu filho, é a mesma coisa que você fazer um carro que não tenha motor nem rodas. Exatamente a mesma coisa.

Aluno: “em relação a esta história de gnose, é um erro confundir o sentido de “gnosticismo” como dado por Hans Jonas em “The Gnostic Religion”, e posteriormente, na obra de Eric Voegelin, e a gnose no sentido espiritual, como explica Schuon, por exemplo? É um erro atribuir ao Islã e ao misticismo islâmico o monopólio da contemplação gnóstica nesse sentido do Schuon, da crença de que Deus é a realidade, e que todas as coisas existem de forma dependente dessa realidade e onde todos os problemas são vistos e eventualmente resolvidos através da fé e da aceitação da sabedoria divina? Citando Schuon: ‘somente Deus existe absolutamente, nós existimos contingentemente, tudo o mais que existe, existe no sentido de dependência, somente Deus é preeminente ?

Olavo: É claro que podemos aceitar essa idéia de que existe um gnosticismo e uma gnose em sentido eminente. Essa é uma questão enormemente espinhosa, por causa das camadas de sentido que foram sendo agregadas em cima da palavra “gnose”. “Gnose”, de um modo geral, representa a grande heresia, a suprema heresia da história do cristianismo, mas o termo pode ser usado também no sentido de qualquer conhecimento que se tenha da realidade divina por meio de algum tipo de “experiência”. Também também pode significar isso. Assim, por exemplo, podemos falar como Stª Teresa conversava com Jesus Cristo, aí já não se trata mais de religião, mas há um elemento de gnose, de conhecimento, e esse elemento de conhecimento é inerente a toda e qualquer religião, e se você abolir isso, realmente não sobra nada. O grande problema que a gente vê em Schuon, Guénon etc., não é o fato de serem eles gnósticos no sentido herético da coisa, não é esse o problema: quem está impressionado com isso é o Orlando Fedeli, não eu.

Acho que muito do que eles dizem e muito do que ensinam é perfeitamente compatível com a religião cristã, e compatível com as outras religiões também, na medida em que eles se atêm a um núcleo de conhecimentos de ordem metafísica que são, de fato, comuns às várias religiões. Isso eles disseram e provaram: existe um conjunto de princípios metafísicos que são comuns a todas as doutrinas religiosas, e que constituem, segundo eles, o que seria a metafísica normal e obrigatória da humanidade. Acho que, até aí, eles têm toda razão. Porém, com base numa mesma metafísica, as religiões continuam diferindo muito na medida em que elas se referem a fatos; por exemplo, o nascimento, vida, morte e ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo é um fato da ordem temporal, da ordem histórica, isso aconteceu. Você pode compreendê-lo como símbolo, mas uma coisa é um símbolo inventado, outra coisa é um símbolo vivido. O que é o Cristianismo? O Cristianismo é um mito verdadeiro, um mito que aconteceu mesmo. É uma história mítica, que tem um sentido mítico, mas que aconteceu de verdade. Ao passo que, se você pegar outros escritos de ordem mística, são histórias inventadas em vista de um sentido metafísico.

O problema com esses dois não é esse: o problema é que eles têm, além dos objetivos declarados, eles têm um objetivo secreto. Esses camaradas são agentes da incorporação islâmica do Ocidente. E eles não dizem isso, não confessam isso abertamente, quando deveriam confessar. Existe todo um coeficiente de mentira e fingimento na obra dos dois e é isso o que os torna lesivos, não o fato de que são “gnósticos”; eles não são marcionistas, não são

arianistas, não são nada dessas heresias, o problema deles não é esse: o problema é que a obra deles tem um objetivo estratégico de longo prazo **[1:50:00]** e ela visa — nada mais, nada menos — a absorção de todas as tradições religiosas, principalmente a Cristã e a Judaica, pelo Islã. Sugar as energias dessas tradições e colocá-las para funcionar no Islã, de modo que Cristianismo e Judaísmo permaneceriam existindo, mas dentro de um contexto islâmico. Isso é a mesma coisa que uma estratégia de ocupação cultural.

Como eles não podem falar o português claro a respeito disso, sempre que o sujeito está mentindo ou camuflando a respeito dos seus objetivos, começam a aparecer contradições na sua obra, e existem muitas contradições ali. Especialmente o Schuon, a quem conheci pessoalmente, ele era um grande gênio, um homem espiritual, mas eu acho que era um sujeito realmente megalomaníaco. Ele era grande, mas se achava muito maior — ele achava que era uma espécie de "papa" de todas as religiões, e de fato não o era e nem tinha estofo espiritual para isso — e acho que essa contradição era menos um defeito pessoal dele do que uma expressão da sua situação real, uma situação onde há um coeficiente de fingimento e mentira inerente à própria missão que ele está desempenhando. Há uma tremenda falta de clareza em certos pontos do ensinamento deles, por causa disto. O problema com eles não é o gnosticismo, é outro problema.

Aluno: Logo que assisti à primeira aula, mergulhei com tudo na escrita do Necrológio e mandei por email. Hoje, ao relê-lo, confesso que fiquei até com vergonha: uma coisa tão falsa, tão fantasiosa, tão longe do que realmente visualizo como aspiração pessoal... a releitura foi algo um tanto chocante para mim, pude notar quão pobres de realidade eram as minhas primeiras aspirações e como elas estavam carregadas de bom-mocismo e modismo...

Olavo: Maravilha! É isso mesmo, o exercício foi dado para isso! Eu disse que vocês refariam o necrológio muitas vezes nas suas vidas, por que ele vai refletir vários estágios da sua compreensão de si mesmo e da sua compreensão da vida. À medida que você vai se aproximando daquilo que quer ser, você descobre que antes não enxergava aquilo com suficiente clareza, mas por analogia com outras coisas. Por exemplo, a tendência a identificar-se com certos papéis socialmente existentes, como se você quisesse ser fulano ou sicrano, isso é sempre inexato; você não pode ser mais ninguém. Todo mundo dá aquele conselho: "seja você mesmo"... que outro raio de coisa nós podemos ser? Isso é uma coisa que não adianta aconselhar! Você será você mesmo, querendo ou não. O único problema é saber: "como eu faço para ser eu mesmo?" Uma das maneiras é esta: você se representar idealmente no futuro e gradativamente ver como essas representações eram parciais, inadequadas ou exageradas. Aos poucos, você vai descobrindo quem você realmente é.

Aluno: (...) Chocante, também, foi perceber como eu pude mudar tanto nesse pouco tempo. As aulas do curso, e também a leitura que venho fazendo das obras de Machado de Assis, me mudaram completamente...

Olavo: Mas é pra isso mesmo...

Aluno — (...) o que o senhor falou da complexidade dos personagens não sai da minha cabeça. Quando penso no Quincas Borba, pois esquecer a infância do

personagem, sua aparência, sua condição, sua transformação e julgá-lo apenas pelas suas idéias filosóficas, é algo de uma pobreza inimaginável. Vejo, hoje, como eu era inocente tentando fazer o exercício do Necrológio sem levar em conta todas estas condições mais profundas da realidade humana. O curso está muito bom, Professor, excelente trabalho!"

Olavo: Você pegou exatamente o espírito da coisa. Esse necrológio que você está escrevendo não é para mim, eu não quero saber quem você quer ser quando crescer. É pra você mesmo. Claro que alguns eu leio, para saber como estão indo, e em muitos percebe-se este mesmo "fundo falso": o sujeito não acertou ainda. Mas vai acertar, com o tempo você vai acertando, e vai chegar uma hora que você vai ver que você é exatamente aquilo que você queria ser. Às vezes acontece mais cedo, acontece mais tarde... Essa é a idéia do "sentido da vida" do Victor Frankl, aquilo que você, e só você, pode fazer, e que se torna obrigatório. Isso se torna, também, o eixo em torno do qual você vai selecionar suas idéias, suas preferências, suas companhias, suas ocupações, etc. Se não tem este eixo, você está à mercê de duas coisas: os impulsos da sua alma animal e as pressões do ambiente exterior. Então, você não está realmente exercendo a sua liberdade. Todas as questões metafísicas que as pessoas costumam colocar em torno de determinismo e livre-arbítrio sempre expressam uma dificuldade prática de lidar com a coisa. Não adianta discutir a liberdade metafísica do ser humano se ele ainda não aprendeu a exercer sua liberdade, porque só aí que ele vai perceber quais são os limites reais dela. Duas pessoas falando da liberdade metafísica, uma pode estar falando de uma coisa que existe, a outra está falando apenas de uma palavra. E todo o nosso curso visa fazer com que cada um de vocês saiba sempre do que está falando, e nunca discuta só palavras.

Vejam que nesse período histórico que eu estava mencionando na primeira parte da aula, aconteceu uma grande tragédia, que foi a seguinte: à medida que essas pessoas foram sendo formadas e foram criadas gerações de pessoas notáveis, de homens verdadeiramente cultos, almas bonitas de se ver, com o tempo aquilo acaba sendo registrado, em escritos, obras de arte, etc., justamente na hora que começa a acabar. Então, o período que é tido como o apogeu da civilização medieval já é o testemunho da sua decadência. Do mesmo modo Cícero, escrevendo sobre os gregos e romanos, disse que era injusto dizer que só os gregos têm filosofia, os romanos sempre tiveram. Só que eles davam a ênfase em ser aquilo, e não em escrever sobre aquilo. A filosofia deles era voltada para a sua existência real, e por isso mesmo não deixa marcas. Veja, a grandeza de tudo o que os romanos fizeram, e como a civilização grega se desfez em pó. Aquilo sobre o que os gregos estavam escrevendo, os romanos estavam sendo, e às vezes aquilo que não deixa testemunho é exatamente ali que estava o mais importante. Hoje nós temos essa maravilha que é Internet, podemos fazer cd, dvd etc, etc, etc... de modo que aquilo que foi vivido, foi falado presencialmente, pode ser conservado para que uma outra pessoa veja em outra época. Isso é muito mais importante do que escrever livro, evidentemente. Você tem a presença física do professor, onde você vê a entonação dele, vê os gestos etc, etc, aí você vê uma diferença que, no escrito, você dificilmente perceberia.

Quando começa a documentação escrita e começam os registros em obras de arte, o que acontece? Essas obras e esses registros se tornam alvos de atenção em si mesmos. Você não está mais lidando com realidade, você está lidando com obras e textos. Quando você passa da transmissão oral para a transmissão escrita, o escrito se torna, ele próprio, um objeto de atenção; e com isso, há uma mutação cultural desastrosa, que é quando se passa de uma lógica fundada na ontologia, quer dizer, na estrutura do ser para a chamada lógica dos sinais, que lida apenas com a linguagem humana. E daí é um passo para o nominalismo, onde as palavras já não representam seres do mundo real, mas representam apenas pensamentos humanos. Daí até o Kantismo, onde tudo são pensamentos humanos e não existe mais objeto nenhum, é outro passo. Isso quer dizer que o amor que nós temos pelas grandes obras, freqüentemente, é uma força alienante, porque nos afasta da percepção da realidade humana que criou essas obras. Nós nos apegamos à coisa e, por assim dizer, matamos a galinha dos ovos de ouro. **[2:00]** Um dos maiores, sem dúvida, o maior filósofo romeno, Petre Tutea, jamais publicou uma linha em vida. Nada, nada, nada. Como Sócrates. E deixou um monte de discípulos que sempre se lembravam do exemplo de Tutea, sobretudo do exemplo da sua conduta estóica quando foi perseguido, foi para a prisão, saiu dali muito doente. Então, eu vi, ali se repetiu exatamente o tipo de ensino que nós tínhamos no século IX, quando o exemplo do corpo mortificado do mestre inspirava os discípulos. Isso aconteceu naturalmente, não foi um sistema de ensino; não foi um professor ensinando você a meditar sobre os sofrimentos de Jesus Cristo que chegou nisso, não, os sofrimentos estavam ali presentes.

Quanta água teve de correr para que alguém chegasse, como o Prof. José Arthur Giannotti, à conclusão de que a filosofia é uma atividade que lida eminentemente com textos. É o supra-sumo da alienação! Eu comparo isso a um sujeito que, depois de transar muito com a mulher amada, se apaixona pela camisinha. Isso acontece hoje em dia, não pensem que não. E com esse negócio de sexo virtual, as pessoas já estão apaixonadas pela Dell, pela Samsumg e assim por diante. É uma forma de alienação, uma forma de demência, evidentemente.

O que interessa nessas obras? Por exemplo, pega-se a *Súmula Teológica* de São Tomás de Aquino — ele mesmo disse que em função do que ele tinha percebido, tudo o que tinha escrito não valia muito a pena. O foco da nossa atenção não deve ser o texto de São Tomás de Aquino, mas a pessoa de São Tomás de Aquino. Algum de vocês que esteja lendo a *Suma Teológica* já se lembrou de rezar diariamente para São Tomás de Aquino? Está estudando, estudando e estudando — não estude tanto, pare um pouco e reze para São Tomás de Aquino para ele explicar a você o que está escrito ali. Porque se o escrito pode explicar alguma coisa, ele pode explicar pessoalmente muito mais. E, do mesmo modo, o que nós devemos buscar é esse contato real com os grandes filósofos. Devemos presentificá-los como forças pessoais agentes que estão presentes e que de algum modo se incorporam à nossa inteligência. Como pessoas que você ama se incorporam à sua alma e se transformam em parte dela. Isso é o que acontece.

Em um outro extremo, você pode ter uma filosofia totalmente coisificada que faz análise de texto e desmembra aquilo em mil pedacinhos etc, etc, mas, que, quanto mais você trabalha o texto, menos significado ele parece ter, ao ponto que, depois de você fazer isso durante décadas, como fizeram os franceses, chegar à conclusão que um texto só se refere a outro texto... que se refere a outro texto... e não há conexão entre o mundo real. Mas foi a técnica que você inventou, foi para isso! Se você tivesse, ao contrário, uma técnica de, através da leitura do texto, tornar presente a pessoa que escreveu e, através desta, tornar presente o objeto, você teria o resultado contrário. Mas como você fez a técnica de se apegar ao texto, o que obteve? Você obteve o texto! É a coisa mais lógica do mundo! Existe essa opção no começo de seus estudos de filosofia. Não caia na idolatria de texto, de livro, de jeito nenhum.

Aluno: Em primeiro lugar gostaria de dizer o quanto fico feliz e empolgado com este seu curso, pois vejo que ainda são possíveis coisas como honestidade intelectual e trabalho sério em filosofia. Já me encontrava num beco escuro e sem saída; afinal de contas, acabei de defender um mestrado e é evidente que, seguindo toda a pompa acadêmica, nem me realizava nem produzia nada de valoroso. Seu curso veio para resgatar em mim o impulso filosófico adormecido durante os anos da faculdade (...)

Olavo: É para isso que nós estamos aí.

Aluno: (...) Comecei o curso há dois meses e ainda estou na aula 9. Pretendo até janeiro dar conta do restante e colocar uma parte das aulas atuais. Por isso peço desculpas por enviar questões referentes àquele começo. Segue anexo exercício do necrológico pedido pelo senhor e aqui estão algumas questões que eu gostaria de conversar:
(1) Percebi nas primeiras aulas que o tema da imaginação cumpre um papel importante na atividade filosófica. Tenho muito interesse nesse tema, pois minha pesquisa é justamente sobre a relação entre imaginação e símbolo no "O Nascimento da Tragédia", de Nietzsche. Minha intenção é, com essa pesquisa inicial, seguir a trilha do Mário Ferreira dos Santos na análise simbólica do livro "Assim Falou Zaratustra"; por isso venho pedir ao senhor alguma referência de livro sobre a imaginação e perguntar se é possível mesmo fazer a relação entre imaginação e o símbolo, pois me parece que ela é justamente a responsável pela criação deste (...)

Olavo: Existe um livro clássico a respeito: *L' Imagination Symbolique* do Gilbert Durand. Também quem escreveu coisas incríveis sobre isso foi Henry Corbin, sobretudo no livro *Avicena e a Narrativa Visionária* (Avicenne et le recit visionnaire).

Aluno: (...) (2) Ao ler os escritos sobre educação, assim conferir sobre o futuro do estabelecimento de ensino e a extemporânea "Schopenhauer Educador" de Nietzche, percebi alguma semelhança com o seu projeto para esse curso. A principal crítica do filósofo alemão, a separação exercida pelas instituições acadêmicas e de formação cultural em vida (...)

Olavo: Não tenha a menor dúvida.

Aluno: (...) a especialização da ciência levaria a um total isolamento do estudante das experiências da vida e esse seria um fator de redução da cultura (...)

Olavo: Claro, você não pode esquecer que todo esse aparato criado para o ensino acadêmico se torna uma finalidade em si, porque aquilo custa dinheiro, tem de botar verba, tem de ser administrado... Cria-se um outro foco de atenção e aquilo adquire uma vida separada em relação ao conteúdo que está sendo ensinado e frequentemente predomina. Se você tem uma série de rituais acadêmicos que tem de seguir — não estou falando de universidades decadentes, mas das melhores — esses rituais têm um impacto metodológico; eles determinam o limite do objeto que você pode enxergar, então você não está livre para enxergar a realidade. Por exemplo, eu notei isso no tempo da eleição americana, entre todo o pessoal do Eric Voegelin Forum — que são as melhores cabeças que eu conheci aqui nos Estados Unidos — nenhum deles estava entendendo nada do que estava acontecendo na eleição. Nada, nada. Todos estavam acreditando piamente que o Obama era um candidato moderado, um político como qualquer outro. E e eu falava para eles: não é assim, gente, não é assim, eu tenho experiência. O homem é perigoso mesmo. E eles: “Não, são temores exagerados.” Agora, passado este tempo todo, eles dizem: “Você tem razão, seus temores não eram infundados.” Eu digo: Agora não adianta mais, era preciso ter sabido antes. O que é isso? O que tornou essas pessoas incapazes de examinar uma situação real? Passaram a vida lidando com textos. Então, mesmo que sejam pessoas de um extraordinário talento e de extraordinária cultura, na análise da realidade vão falhar. Não podemos ficar um dia concentrando-nos só em textos. Você tem de pegar os seus temas da realidade da sua própria vida tal como é. Por exemplo, se você quer estudar a sociedade, comece a pegar o impacto da sociedade em você. Se você não tem isso então a sua representação da sociedade é como se fosse um sonho, uma alucinação que você está tendo, uma projeção.

Aluno: Ortega y Gasset dizia que a clareza é a gentileza do filósofo. Assim, muito agradeço ao senhor a gentileza e a sinceridade com que as aulas desse curso de filosofia estão sendo dadas. Questões: (1) A reforma protestante está vinculada de alguma forma à mentalidade revolucionária? (2) Qual a sua opinião sobre a obra “Revolução e Contra-Revolução” de Plínio Corrêa de Oliveira?

Olavo: Vamos à primeira pergunta. A reforma protestante não é um processo unívoco; houve várias reformas independentes e até antagônicas entre si. É proverbial a disputa entre Lutero e Calvino, por exemplo. A reforma não começa como um movimento revolucionário, porque só há um movimento revolucionário onde **[2:10]** há simultaneamente a proposta de uma mudança radical e integral da sociedade e a exigência de uma concentração de poder nas mãos de um grupo revolucionário para poder realizar esta mudança. No caso, nenhuma das duas coisas existia na proposta inicial de Lutero. Ele queria apenas certas modificações que não eram nem doutrinais, eram modificações apenas disciplinares dentro da Igreja; e lutou por elas. No desenrolar dos acontecimentos, quando, depois, alguns adeptos entusiásticos de Lutero

começaram a praticar violências e ele teve que fazer uma aliança com a classe nobre, com a aristocracia, para poder sufocar os excessos dos seus próprios discípulos, aí surge a idéia de criar uma sociedade nova: seria uma religião alemã com uma nova fórmula de estado alemão e de sociedade alemã. Nesse momento, transformou-se em uma proposta revolucionária. O que não quer dizer que os elementos de protestantismo luterano que se expandiram para o mundo sejam também revolucionários, mas, dentro do contexto alemão, evidentemente, foi.

O que foi um proposta revolucionária desde o início foi o Calvinismo. Calvino tinha a idéia de remodelar totalmente a sociedade ao ponto de fiscalizar pessoalmente a elite governante e a vida privada de cada um e saber tudo. Não existia mais privacidade: todos os pecados privados se tornam públicos. Havia uma espécie de polícia da moralidade, que virou ao mesmo tempo polícia do pensamento. É claro que isso é uma proposta revolucionária. Por outro lado, Calvino, também, foi o sujeito que inventou os processos de mobilização da sociedade civil, como nós vemos hoje: passeatas, protestos etc, etc, ele inventou tudo isso — ele inventou o PT, por assim dizer. Ali foi um movimento revolucionário.

Na Inglaterra a situação foi mais ambígua ainda, porque a reforma começa por Henrique VIII, que era católico e queria permanecer católico de qualquer maneira. Não queria mexer na doutrina, na missa, não queria mexer em nada. Com o tempo, porém, os acontecimentos foram se precipitando e, por fim, veio um tal de Cranmer que inventou o gramscismo, a revolução cultural gramsciana: através de pequenas mudanças no ritual da missa, no ensino da doutrina, mudar completamente a mentalidade e criar outra situação diferente. Ainda assim a proposta do Cranmer não era revolucionária integralmente porque não era um projeto integral de sociedade, era um projeto de uma mudança profunda de religião, mas sem implicar mudanças, por exemplo, na própria estrutura do poder.

Então, de todos os elementos do protestantismo, o que realmente tem a característica revolucionária é o calvinismo e certos capítulos finais do luteranismo, que tiveram mais importância na Alemanha do que no resto do mundo.

Com relação à obra *Revolução e Contra-Revolução*, acho que ele tem muita razão em muita coisa, mas o problema desse livro do Plínio é que ele não tem o conceito de revolução. Ele acha que qualquer movimento onde houve derramamento de sangue, onde houve agitação etc, é revolução. Não é bem assim. Esse livro é um livro intuitivo. Ele pegou alguma coisa e essa alguma coisa existe, mas ele não chega a um nível de clareza crítica sobre os conceitos que está usando. Talvez tivesse faltado tempo, ele escreveu isso quando já era velho e o Plínio não era um investigador, um cientista, ele era um doutrinário, era um cara que regrava a vida de seus discípulos de acordo com uma certa disciplina. Tudo o que a TFP fez foi tentar copiar essa coisa do século IX, mas, misturada com os elementos da boa educação burguesa, criando aí alguma coisa caricatural. Quando você vê aqueles meninos todos vestidos iguaizinhos...e diz que está falando de tradições, de coisa medieval... Contudo,

na idade média, ninguém se vestia igualzinho e também não falava igualzinho, você tinha muito mais ênfase na expressividade do que na uniformidade. O padre Paulo Ricardo diz que tem uns caras que são tão conservadores que querem conservar qualquer coisa que tenha sido da infância deles. E tomam aquilo como se fosse a tradição de dois milênios. Isso aí é uma forma de idolatria: estão se apegando a certos elementos que são meramente saudosistas, que não são verdadeiramente da tradição. Quando lemos, por exemplo, os escritos de São Paulo apóstolo. Lido hoje, São Paulo apóstolo pareceria um sujeito notavelmente insultuoso e sem educação. Santo Agostinho, com aquelas metáforas contundentes que ele usa — se hoje as pessoas falarem como Santo Agostinho em uma universidade, eles te põem de lá para fora. Em certos meios religiosos, as pessoas ficam chocadas se um sujeito disser um palavrão, mas eu li São Bernardo onde disse: “Os monges esforçados são como bois que vão na frente abrindo a trilha e os monges preguiçosos são os bois que vêm atrás e comem a bosta deles.” Isso foi São Bernardo quem escreveu. Se dissesse isso hoje numa igreja batiam nele. Hoje não se pode falar palavrão, o que pode é dar comunhão para um traveco que está lá para gozar do culto, um sujeito todo peludo e barbudo ostensivamente vestido de freira. Eu vi o padre dar comunhão para ele, quando deveria ter rejeitado. Isso pode fazer, mas falar um palavrão não pode. Sempre que foi possível, eu defendi essa entidade quando acusada injustamente disso ou daquilo. Muitas vezes. Nunca fui membro, nem adepto, nem concordo com a estratégia deles. Acho que há muitos elementos de saudosismo quase fetichista em torno dessa coisa e o elemento burguês, que para mim é intolerável. Se você quer agir como um nobre de antigamente, a primeira coisa: não seja um burguês.

Bom, aqui tem uma outra pergunta que levaria muito tempo.Vou pular para outra carta.

Aqui tem uma longa carta, muito interessante.

Aluno: Confesso que estou perplexo. Explico-me. Esse exercício da leitura lenta é um negócio fabuloso. Se é preciso ler cem livros para que se possa ler um, não se pode esquecer, é claro, que é preciso lembrar dos cem livros. Nesse exercício, como tenho relembrado o que li...e como, com o que já vi, tenho formado livros na alma durante tal leitura... e como tudo se me afigura vibrante e vivo... e como o espírito se amplia (...)

Olavo: Mas é isso, Alexandre [autor da pergunta – Alexandre Ribeiro]. É esse o negócio. Mesmo se você compreender o texto como objeto e analisá-lo, destrinçá-lo, seguindo a norma francesa, ele se desmembra em um texto que encontra outro texto, outro texto e, no fim, você não tem mais nada além de texto. Como a nossa técnica é exatamente o contrário, quer dizer, você puxar de dentro da sua memória, inclusive memória afetiva, todos os elementos que o texto evoca, e, em seguida, você ir aproximando gradativamente as suas evocações com aquelas que o próprio autor colocou ali, claro que fica vibrante e vivo. É exatamente isso que eu chamo de entender um texto, é entender do quê ele está falando e não entender o texto como texto. O texto como texto não existe, gente.

Aluno: (...) cada frase é como um arquivo de computador compactado (...)

Olavo: Exatamente isso, você tem de descompactar cada frase e abrir nela a multidão, o oceano de experiências **[2:20]** interiores e exteriores que está ali insinuado e compactado. Ou seja, aí você está trazendo, evocando, a pessoa real do autor e certamente ele vai ensinar-lhe muito mais do que o texto ensinou. É claro que você pode errar. Você pode atribuir a ele coisas que são da sua experiência, mas a própria continuação do trabalho vai lhe ensinar a fazer essa distinção. Por exemplo, quando eu estava trabalhando na teoria dos quatro discursos — não há documentos escritos de Aristóteles sobre isso — eu estava tentando adivinhar o quê Aristóteles precisaria ter sabido a mais para escrever o que escreveu. Apareceram milhões de idéias e milhões de analogias na minha cabeça, só que eu aproveitei apenas algumas. Quais? Aquelas que eram coerentes com a estrutura do texto do próprio Aristóteles. Mas antes eu tive que abrir a minha imaginação para perceber tudo. Fiz milhões de analogias, milhões de evocações. Por fim, chegou uma que eu disse: eu sei que eu estou, por assim dizer, me comunicando com Aristóteles, mais do que eu faria em uma sessão espírita. Eu estou falando realmente com a pessoa de Aristóteles. Nesse momento, você desenvolve também o verdadeiro amor àquela pessoa, vai para além da mera admiração. A admiração, afinal de contas, é admirar, é olhar de fora. Você desenvolve o amor por aqueles autores porque eles se tornaram presença na sua vida. Sem isso você não vai entendê-los.

Aluno: (...) um arquivo de computador compactado e descompactando-as também a consciência cresce. Já na primeira frase da introdução a "La Présence Totale", *Louis Lavelle, "*Ce petit livre qu'on va lire exprime un acte de confiance dans la pensée et dans la vie"*, este livrinho que se vai ler exprime um ato de confiança no pensamento e na vida (...)*

Olavo: Sim, sem essa confiança você não vai muito longe.

Aluno: (...) Topamos com um problema seríssimo: a contradição que, conforme aprendo com o senhor, não está na frase, mas na realidade que ela designa. O homem moderno descrê da realidade do mundo de modo que seria inútil pensar, mas aposta tudo no pensamento; é um raciocinador maluco (...)

Olavo: É exatamente o que se vê. Pessoas que não acreditam em realidade objetiva, portanto não acreditam em verdades que você possa dizer a respeito da realidade, são as que mais se esforçam para provar que elas estão com razão. Eu digo: "Meu filho, se não há verdades absolutas, porque você está insistindo nessa sua verdade? Por que não posso ficar com a minha? Ou seja, não há verdades absolutas, mas você é absoluto, não é?" É exatamente isso que acontece hoje. Ao paso que...diz ele:

Aluno: (...) No entanto, confiança no pensamento não é isso, mas sim acreditar que o pensamento pode tocar, ainda que de leve, a realidade, a vida que existe (...)

Olavo: Eu digo: é exatamente isso. Só que para isso você precisa ter justamente essa abertura. E, se dentro do qual o objeto aparece e, aí, você sabe que está falando da realidade.

você se apega às suas opiniões, você perde a abertura. Portanto, deixe as opiniões passarem. Hoje você pensa numa coisa, daqui a 5 minutos você pensa noutra, e em outra... Vai guardando aquilo na memória. No fim, vai ver que, com as suas várias opiniões, você compõe um desenho contraditório
Aluno: (...) Ora, a confiança no pensamento e a confiança na vida parecem que são a mesma confiança (...)

Olavo: Exatamente.

Aluno: (...) Quando esses palhaços falam em construir conhecimentos — quando não, para estimular meu vômito, em construir saberes —, com esse construir referindo-se a uma ação de pensamento a criar o nosso mundinho, vemos o quanto, por não crerem na objetividade do real, nem no pensamento crêem (...)

Olavo: É claro. Se você não pode acreditar na realidade, como é que vai acreditar no próprio pensamento? A insistência desses camaradas mostra o profundo estado de dúvida que eles estão com relação a eles mesmos. No fundo, eles só duvidam deles mesmos.

*Aluno: (...) E além desses répteis de aparência otimista temos os chorões. "La conscience cherche une amère jouissance dans ces états violents et douloureux...", a consciência busca um gozo amargo nesses estados violentos e dolorosos... Daí me tem sido muito útil um poeta que me ajuda a entender essa sentença: "Menti ultrum multa cantores"** [difícil compreensão] , ou seja, "há muitos cantores cantando a mentira", mas do qual gosto tremendamente, Antero de Quental. As poderosas imagens que há em seus poemas ilustram a perfeição que essas almas que adoecem "dans las époques troublées", nas épocas perturbadas, e ainda contrastando com isso segue a encantadora figura do mais novo dos Karamazov, Alyosha, assim das coisas (...)*

Olavo: Esta carta aqui tem de entrar no chat do seminário. Esta carta está espetacular. Não dá tempo de comentar tudo.

Aluno: (...) Mas há problemas nessa leitura. Problemas de cuja solução não estou seguro. Não se trata, claro está, daqueles problemas que o próprio autor deixa em aberto, que aparecem no caso da admirável aventura do colega Nilton Ribeiro com a metafísica, mas sim de dificuldades provenientes do despreparo do próprio leitor (...)

Olavo: Mas isso não é problema, pois você não vai ler essas coisas de uma vez só. Você vai voltar lá e, cada vez que você voltar, terá um carga de evocações mais rica e mais precisa. Você vai chegando na alma do autor por aproximações sucessivas. Isso demanda, por exemplo, que para entender um Aristóteles, você tem de crescer. Você tem de deixar que a própria

complexidade e a própria problematicidade do texto vá exigindo de você mais recordação, mais vida, mais experiência. E é assim que você chega lá.

Eu não vou comentar o resto da carta pois está muito comprida, mas esta carta está espetacular. Tem de ser colocada lá.

Bom, eu acho que por hoje nós vamos ter que ir parando por aqui mesmo. Só vou comentar mais uma aqui.

Aluno: Professor, tenho grande dificuldade de controlar a minha raiva contra a degradação moral reinante no Brasil. Sinto que esta atitude me deixa mais burro, mas, por outro lado, se não sinto raiva e não ataco — fisicamente faz tempo — ou contra-ataco as pessoas do mal, parece que perco a força: fico ingênuo e manipulável. É possível achar um meio termo?

Olavo: Bom, Alexandre [autor da pergunta]. Não se trata propriamente de um meio termo. Trata-se de você aumentar a eficácia desse ataque, elevando o nível dele. Trocar a mera troca de porradas pelo bombardeio aéreo. Ou seja, não entre, jamais, na briga só para disputar, você tem de entrar para vencer. Se você não conseguir convencer o sujeito você tem de pelo menos humilhá-lo. Para muitas pessoas a humilhação é a única maneira de despertar a consciência. Quando o sujeito é burro, orgulhoso e tacanho você tem a obrigação de humilhá-lo para mostrar que ele não é tudo isto que ele pensa. E garanto para você que já houve muitas pessoas, inclusive alunos, que vieram botando banca para cima de mim e eu os humilhei. Na hora, eles ficaram loucos da vida comigo, porém, passados alguns anos, vieram me agradecer por ter feito isso. E vai acontecer a mesma coisa com você. Agora, você tem de estar seguro que você não está fazendo isso por motivo egoísta, que não está realmente com ódio ou com raiva daquela pessoa; que está fazendo isso para ajudá-la, para torná-la consciente e, se não conseguir ajudá-la, ao menos vai ajudar a quem está ouvindo. Porque se você vai bater no sujeito com raiva, você bate e a mesmo tempo sente culpa. Agora, se você está batendo por um motivo técnico, sério, responsável, aí, meu filho, você bate para valer porque você não está dividido. O seu problema não é não entrar nessas brigas, é não entrar dividido. Ou você faz, seguro de que você está fazendo com uma boa intenção, ou não faz. Se tem o mínimo sinal de dúvida dentro de você, deixe para depois. “Hoje eu vou apanhar e ficar quieto.” Isso é normal na vida. Querer ganhar todas as discussões é a maior perda de tempo possível. Ademais, discutir com quem?

Há alguns dias mesmo escrevi: há certas idéias que não dá para você discutir, porque elas estão tão alienadas da realidade que você não consegue encontrar nelas um significado discutível. Fiz uma análise, dias atrás, de um artigo de uma sentença do presidente da república, na qual ele dizia: “Ah, que bom que agora a nossa democracia está tão aperfeiçoada que agora só tem candidato de esquerda a presidente da república.” O que ele quis dizer com isso? Que ter candidato de um partido só é o supra-sumo da democracia, quando é exatamente o contrário? Não é possível. Então você espreme a frase, espreme, espreme e espreme e vê que só o que ela exprime realmente é um estado de espírito absurdo. Então, uma frase assim não é para ser contestada nem

discutida, ela pode ser analisada. A análise fica muito mais cruel do que um contestação. É como uma vez o meu amigo Juan Alfredo César Müller estava discutindo com um sujeito e disse: “Ora, Fulano, você é um esquizofrênico, isto não é um insulto, é um diagnóstico.” Isso dito por um profissional da área, pesa um pouco. Se você puder chegar a fazer um diagnóstico de esquizofrenia, então faça. É muito mais cruel do que simplesmente contestar a idéia dele ou xingá-lo. E não xingue jamais. Quando você disser que o sujeito é um filho da puta, você está obrigado a mostrar a foto da mãe dele no bordel, ou coisa parecida.

Então, é isso. Até a semana que vem e muito obrigado.

Tanscrição realizada por: Ronaldo Pacheco Pinheiro, Leonardo Torres, Luiz Alberto Afonso dos Santos Jr., Luiz Augusto Freire da Silva, Felipe Augusto Cury e Julio Belmonte.
Revisão realizada por: Marilete Tang.